

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

ENTRE COMUNIDADE E GLOBALIZAÇÃO: A CIDADANIA E SEUS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.¹

Edinaldo Enoque Da Silva Junior².

¹ Artigo desenvolvido no Doutorado em Educação nas Ciências da Unijui

² Doutorando em Educação nas Ciências da Unijui, bolsista CAPES.

O presente artigo pretende analisar o processo de globalização em relação à identidade, comunidade e práticas cidadãs. Buscou-se compreender como a globalização impacta nas mais diversas territorialidades em seus variados aspectos, seja como processo de ressignificação local, como processo verticalizador do universo capitalista, da cultura de consumo e de massa; seja como processo dessubjetivador dos indivíduos naquilo que é comumente denominado de crise de identidade; seja por sua vez como movimento incitador de retraimentos comunitários ou antiglobais. Por último buscou-se articular os processos de globalização como possibilidade de maior engajamento político dentro das ideias de interculturalidade, direito à diferença e respeito ao Outro baseado na ideia de Sujeito e de identidade de fronteira.

Pretendemos compreender como autores entre os quais (Santos (1999), Bauman (1999), Ianni (2001), (2003) Morin, (2012) Giddens (1991), Haesbaert (2004), (2010) Beck (2010) por exemplo), enxergam e analisam o processo de globalização sobre a sociedade.

Nosso intuito aqui não é um debate propriamente sobre globalização, ou seja, aprofundar detidamente sobre os aspectos positivos ou não do processo globalizador, seja na economia, nas comunicações de massa, na distribuição dos bens simbólicos do mundo do consumo ou sobre os efeitos do capitalismo financeiro ou industrial, sobre a sociedade ou até mesmo sobre os processos de antiglobalização existentes. Muito embora as categorias de análises citadas e outras que poderão vir a sê-lo seja de suma importância, o espaço aqui destinado a esse trabalho não contemplará tal aprofundamento.

Nossa preocupação maior é entender a globalização em seus aspectos mais subjetivos, ou seja, naquilo que implica a inter-relação dos indivíduos imersos em espaços globalizados ou em vias de sê-lo, tanto num sentido vertical, dos indivíduos e os processos, quanto num plano horizontal, dos indivíduos entre si.

Assim pretende-se compreender como a (de)(re)formação das subjetividades se constitui a partir e com a globalização, levando em consideração um tipo ideal de indivíduo e sociedade; aquele indivíduo e aquela sociedade que são “atingidos” de um modo ou de outro pelo ventos globalizadores.

Num segundo momento, pretendemos compreender como alguns grupos ou sujeitos organizam defesas contra essa mesma globalização, seja porque não aceitam o modo como ela se impõe ou porque preferem viver isolados, à mercê, se proteger ou mesmo não se relacionar completa ou parcialmente com os processos globalizadores. Ao que parece, segundo Bauman (2003), algo

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

impossível, pois estaríamos, segundo ele, querendo ou não, para o bem ou para o mal sendo globalizados. Expliquemos melhor o que pretendemos com a segunda parte de nossa reflexão porque parecerá no mínimo paradoxal. Primeiro: compreender grupos globalizados que vivem nas localidades, mas afastado dela, grupos com poderio econômico que acessam dos produtos da globalização, mas que fecham-se em comunidades modernas monitoradas, cercadas, muradas e vigiadas 24 horas por dia como nos indicam Bauman (2009) e Haesbaert (2014), e segundo, grupos, indivíduos que por ter acesso à globalização em partes ou não querê-la de todo resolvem fechar-se em comunidades tradicionais, religiosas, étnicas, bairristas, entre outras ao que Touraine (1997) por exemplo, denomina comunitarismo. Então dois tipos distintos de comunidades parecem se formar ou reformular por meio da globalização; os globalizados-locais e os desglobalizados-enraizados, mas em comum o que ambos os grupos possuem é a recusa ao Outro, a diversidade.

Num terceiro momento deteremos nossa preocupação em compreender, mesmo que de modo teórico e especulativo, como a cidadania pode ser entendida, vista ou praticada por grupos onde há o isolamento ou retraimento comunitário seja de tipo global ou de tipo tradicional, seja onde as identidades se esvaziam pela própria globalização ou onde se reforçam.

Tendo em vista que tanto um como o outro tipo de comunitarismo tende ao isolamento em relação ao que acontece “lá fora” e preocupar-se somente ou muito mais com o que se passa “aqui dentro” é interessante analisar como se dá a relação entre essas comunidades e a prática da cidadania. Pensar como nos propõe Sennet (1998), Bauman (2011) e Touraine (2007) a cidadania num espaço social ou teórico onde o indivíduo resolve se fechar, seja local ou globalmente, é um dos desafios desse trabalho.

Num mesmo sentido entender como se dá a mesma prática cidadã quando o indivíduo resolve se globalizar no sentido oposto de fechar-se em comunidades globais urbanas, mas de ter sua identidade local completamente fragmentada pelo efeito globalizador, ou como Singly (2003) nos ensina, quando o indivíduo se torna um lançador e recolhedor de âncoras identitárias, ou seja, quando sua preocupação está muito mais no que acontece consigo mesmo quanto indivíduo “coletor de sensações” do que no que se passa no seu bairro ou cidade na etnicidade ou na religiosidade comunitária.

Nossa preocupação, desse modo, é encontrar um meio termo, um entremezzo entre comunidade e sociedade na denominação töniziana, ou mesmo uma relação fronteira identitária como propõe Peter Maclaren (1997), ou mesmo naquilo que Touraine (2005) encontra no Sujeito. Essa situação de entremezzo é o principal objetivo deste trabalho.

Em resumo, este artigo é uma tentativa de compreender a globalização e a comunitarização modernas tradicionais, pós-modernas globais ou fragmentadora de identidades na sua relação com a cidadania. Por fim, buscamos na ideia de Sujeito ou de identidade de fronteira, possibilidades de ser local-global, global-local, comunitário e societário, sem deixar de lado nossa responsabilidade de Sujeito-cidadão.

É de comum entre vários autores, mas não todos, destacamos aqui o geógrafo Rogério Haesbaert, de que a globalização é muito mais perversa do que benéfica, muito mais negativa do que positiva, inflige mais danos do que bônus pelos diversos caminhos por onde passa. Haesbaert afirma que a globalização é muito mais complexa e de-sarticularadora, muito mais abrangente e reconfiguradora

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XX Jornada de Pesquisa

do que simplesmente integrá-la num maniqueísmo simplista de bom ou ruim de bem ou mal. Tanto que prefere utilizar o termo globalizações justamente pelo efeito descontínuo e desigual da globalização nas diversas regionalidades por onde passa:

Muitos pesquisadores preferem mesmo utilizar o termo sempre no plural, “globalizações”, distinguindo aí suas múltiplas dimensões, a enorme desigualdade com que é produzida/difundida e seus diferentes sujeitos – tanto no sentido daqueles que prioritariamente a promovem e a desencadeiam, quanto daqueles que a ela, basicamente encontram-se subordinados. (HEASBEART, 2010, 04)

A globalização nesse sentido deve ser vista com cautela e suas análises devem pautar-se pelo cuidado e atenção de modo a não causar generalizações. A globalização causa diversos efeitos e segundo Haesbaert deve ser analisado cada caso de modo específico.

Nosso objetivo aqui não é fazer uma análise empírica dos efeitos da globalização num espaço geográfico específico. Pretendemos compreender num modelo tipo-ideal os impactos que a globalização pode causar na configuração dos sujeitos, identidades e localidades a partir da revisão bibliográfica. Não pretendemos analisar um caso específico de globalização para vislumbrar a hipótese de que este ou aquele aspecto da globalização impacta nesse ou naquele lugar ou lugares.

Posto isso, usaremos um conceito importante de Max Weber (2013), o tipo ideal, de sociedade globalizada na qual há um processo de ressignificação identitária, no qual a globalização impacta sobre a conformação das subjetividades e consequentemente na (de)formação da identidade local repercutindo assim em práticas cidadãs locais.

Assim como Schumpeter (1991), outros autores acreditam que o processo de globalização atinge de modo negativo a configuração dos espaços e também das práticas cotidianas. Bauman (2007) nesse sentido cunha a ideia de globalização negativa. Aquela que tem como principal característica selecionar alguns poucos que terão acesso ao cosmopolitismo de um mundo efetivamente global; ter acesso ilimitado às informações, viajar pelos quatro cantos do mundo, ter acesso aos bens materiais e simbólicos da produção tanto industrial como comunicacional.

Palavras-chave: Cidadania; Globalização; Comunidade; Identidade; Interculturalidade.